

A ANGÚSTIA DE ABRAÃO
AS ORIGENS CULTURAIS DO JUDAÍSMO,
DO CRISTIANISMO E DO ISLAMISMO

Coleção **SOCIOLOGIA E RELIGIÃO**

- *Angústia de Abraão (A): as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo*, Emilio González Ferrín
- *Ciências das religiões (As)*, Giovanni Filoramo; Carlo Prandi
- *Dossel sagrado (O): elementos para uma teoria sociológica da religião*, Peter Ludwig Berger
- *Formas elementares de vida religiosa (As)*, Émile Durkheim
- *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*, Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.)
- *Sociologia da religião e mudança social*, Beatriz Muniz de Souza; Luís Mauro Sá Martino (orgs.)
- *Trânsitos religiosos, cultura e mídia: a expansão neopentecostal*, Adilson José Francisco

EMILIO GONZÁLEZ FERRÍN

A ANGÚSTIA DE ABRAÃO

AS ORIGENS CULTURAIS DO JUDAÍSMO,
DO CRISTIANISMO E DO ISLAMISMO



PAULUS

Título original: *La angustia de Abraham – Los orígenes culturales del islam*
Editorial Almuzara. Ctra. Palma del Río, Km 4. Parque Logístico de Córdoba. c/8, Nave L2, Módulo 6 e 7, Buzón 3, Córdoba (14005), Espanha.

Tradução: *Pedro Lima Vasconcellos*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Imagem da capa: Molnár - Ábrahám - kiköltözése, 1850

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Ferrín, Emilio

A angústia de Abraão: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo / Emilio González Ferrín; [tradução Pedro Lima Vasconcellos]. — São Paulo: Paulus, 2018. — Coleção Sociologia e religião.

Título original: *La angustia de Abraham: los orígenes culturales del islam.*
ISBN 978-85-349-4746-6

1. Civilização muçulmana - História 2. Islamismo 3. Islamismo - Relações I. Título. II. Série.

18-15327

CDD-297.28309

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e islamismo: Relações: Religião 297.28309

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Tele vendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4746-6

MAPA PRÉVIO

A história da cultura é realmente a história da contracultura feita com atraso. Porque as sucessivas ortodoxias, pouco criativas, – a ortodoxia não cria, em vez disso disseca o criado – vão tomando empréstimos retardados à heterodoxia. [...] O que não é contracultura é pedagogia

(Umbral, 1976, p. 60).

Todo escolasticismo é a degradação de um saber em mera terminologia

José Ortega y Gasset (García Gómez, 2001, p. 17).

Este ensaio explica a si mesmo em seu desenrolar e acaba detendo-se em um denso epílogo que localiza conceitualmente o sentido de tal percurso. Até lá, serão adiadas explicações sobre inquietudes intelectuais e agradecimentos. Só nos reservamos para este escasso mapa prévio a localização de umas coordenadas mínimas:

1. Abraão é o referente mítico fundacional de ao menos três sistemas religiosos. Abraão aparece como *Ibrahim* no *Corão* e na maior parte das versões árabes do Antigo Testamento. No título destas páginas, trazemos à lembrança a célebre imagem de Kierkegaard – *a angústia de Abraão* – para podá-la de excepcionalidade, pretendendo duas coisas: em primeiro lugar, considerar em sua justa medida o papel dos supostos fundadores dos sistemas religiosos, ou seja, deixar de considerá-los; em segundo lugar, navegar pela evolução das ideias religiosas médio-orientais traçando no horizonte o surgimento de sua natural arabização: o islã.
2. Partimos da premissa de que a compartimentação dos sistemas religiosos chamados abraâmicos – judaísmo, cristianismo e islã – é convencional e arbitrária, da mesma forma que suas datas de fundação ou a pretensão de constituir três sistemas individualizados em torno de cada uma das ortodoxias, separando-se deste modo entre eles, assim como entre cada qual e suas presumidas heterodoxias. Está bem que se admita a assumida separação voluntária entre esses sistemas, mas eles não podem ser estudados separadamente – nem algum deles, nem os três sem suas heterodoxias –, nem existem tal e como hoje os reconheceríamos até pelo menos a Idade Média, nem o que é hoje representativo de cada um é tudo o que cada um produziu ao longo da história.

3. Como explicamos ao final, a ideia motriz destas páginas é substituir o conceito mítico de *transmissão textual* pelo de evolução na história desses sistemas religiosos. Não por excentricidade, mas propondo uma mudança de paradigma que possibilite um estudo racional e científico do fato religioso na história. Um estudo atualizável, depois, em mil e um aspectos, mas ao menos equidistante do integrismo ateu e do gnosticismo *new age*.
4. O dogma e a ortodoxia se apresentam sempre avalizados pela tradição, mas são, na verdade, inovações ou ao menos seleções isoladoras, discriminatórias de grande parte dessa tradição. Nessa larga evolução compartilhada e simbiótica de tantos possíveis judaísmos, cristianismos e islãs forjaram-se determinadas ortodoxias mediante o processo recorrente que pode ser definido como *continuidade retroativa* que teremos em conta a todo o momento. Na realidade, é aquilo que o mundo cinematográfico e literário denomina de *prequela*.¹ As ortodoxias, assim, aparecerão como um construto, uma novidade impositiva; uma vitória sobre opções igualmente válidas, não um cânon original salvaguardado. A questão é – sempre – *quem manda aqui*, ao que se amolda depois o *quem está mais perto* de uma mítica fonte exclusiva de verdade, que mais tarde os weberianos *monopolizadores de verdades absolutas* administrarão. Assim, na invenção de uma tradição será essencial administrar a chamada *autoridade discursiva* sobre a qual germinará a verdade (cf. Briggs, 1996, p. 435).
5. O objetivo final deste ensaio é desmistificar o caráter adâmico desses três sistemas religiosos, relativizar seus exclusivismos genésicos, e, eventualmente, recolocar o islã num longo processo evolutivo de ideias religiosas ambíguas e humanas. Com isso, pretendemos continuar rompendo o mito de uma aparição estranha, alienígena, invasiva e alteradora do islã na história do Mediterrâneo, sentido final do percurso evolutivo destas páginas.
6. Sendo este um ensaio sobre religiões comparadas, tal comparação é induzida porque se dará ênfase, muito especial, às circunstâncias históricas que viram nascer o sistema cultural do Islã, à séria consideração de uma etapa porosa que pode ser definida como Antiguidade Tardia islâmica, enquanto evidente elevação da maré cultural relacionada com a língua e a cultura árabe, em particular. Na verdade, este é um ensaio sobre as origens do islã, a partir da convicção de que para se ter uma ideia é necessário compreender o amplíssimo desenvolvimento dos sistemas abraâmicos e vice-versa, e de que “aqueles que estudam as tradições marginais cristãs e judaicas nos séculos VI e VII vão se dando conta de que o período formativo do Islã é também para eles uma mina de ouro” (Louríé, 2012, p. xvii).

¹ Pré-sequência ou prequela: obra cinematográfica ou literária na qual a história antecede um trabalho anterior já existente. (N.R.)

Porque a naturalidade na hora de perceber o islâmico se alcançará socialmente após a compreensão dos lentos mecanismos de constituição de seu sistema cultural, da naturalidade de sua existência, da proximidade de sua evolução, da necessidade de tratá-lo nas fontes naturais do Ocidente e do Oriente. Só depois dessa leitura historiológica se compreenderá o islâmico como efeito, e não como causa de uma estranha e convulsionada época de contínua referência mítica a partir do presente. Por certo, isto é um ensaio. Não é uma *História*, mas seu comentário; seu acompanhamento.²

² As citações de textos bíblicos, bem como a transcrição de nomes próprios neles encontrados, são tiradas da Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 2002), exceto naquilo em que for preciso acompanhar mais de perto o autor do livro no sentido que ele lhes atribui. Para os textos do Corão, sirvo-me da Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa (Al-Madinah Al Munauarah: Complexo do Rei Fahd para imprimir o Alcorão Nobre, s/d), edição preparada por Helmi Nasr. (N. T.)